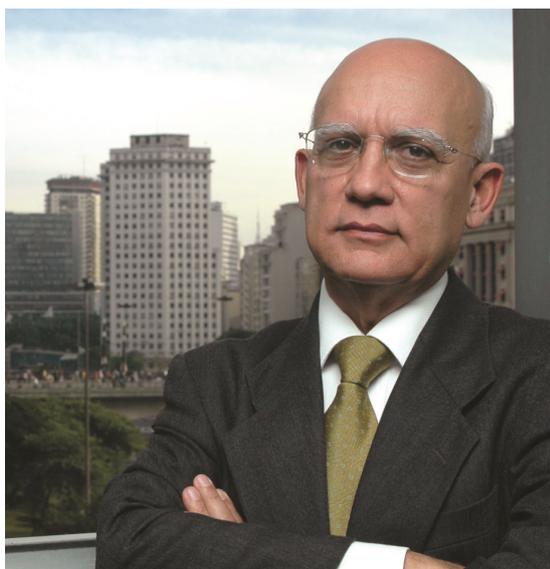


4.2 MARCO ANTONIO RAMOS DE ALMEIDA

CRÍTICA AO NOVO PROJETO PARA O VALE DO ANHANGABAÚ

CRITICISM TO THE NEW PROJECT OF ANHANGABAÚ VALLEY



Marco Antonio Ramos de Almeida é engenheiro civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1972) e superintendente-geral da Associação Viva o Centro, organização sem fins lucrativos, de utilidade pública, que tem por finalidade melhorar a qualidade de vida das pessoas e operação das organizações da região central (www.vivaocentro.org.br).

E-mail de contato: marcoantonio@vivaocentro.org.br

O estudo preliminar e projeto conceitual para nova reurbanização para o Vale do Anhangabaú, que foi submetido à Comissão Executiva da Operação Urbana Centro na sua 18ª Reunião Extraordinária, realizada em 20 de janeiro de 2014, para liberação de verba de R\$ 2,89 milhões para a contratação de projetos básicos e executivos, foi aprovado sem o voto da Associação Viva o Centro, por mim representada, pelas razões que transcrevo a seguir (declaração de voto):

“Consideramos que a proposta apresentada deixou de abordar aspectos fundamentais para a elaboração de um novo projeto para o Vale do Anhangabaú:

1. Não foi apresentada uma análise do projeto atual. Onde o projeto teria falhado, apesar de ter sido fruto de um concurso nacional vencido por arquitetos de renome? Também não foram analisadas as modificações que foram introduzidas no projeto vencedor antes mesmo de sua implantação, contrariando diretrizes do Concurso, bem como as modificações posteriores à sua implantação. Ou seja, o projeto implantado não foi analisado.
2. Não foram apresentadas soluções ou diretrizes para alguns dos principais problemas atuais do Vale:

- a) impossibilidade de acesso adequado à área por veículos particulares, para transporte de pessoas ou abastecimento, taxis e ônibus, o que gera inclusive sensação de insegurança, principalmente à noite;
- b) circulação caótica (excesso de velocidade, falta de sinalização e de trajetos definidos) dos veículos autorizados a entrar na área, o que acarreta insegurança aos pedestres e danos aos pavimentos não projetados para tráfego de veículos;
- c) impossibilidade de melhor utilização das garagens existentes nos edifícios do Vale.

Estas questões, ainda que cruciais, foram abordadas de forma extremamente superficial na proposta (apenas dois parágrafos e um desenho esquemático), isso em uma proposta com 51 páginas, que chegou a tratar de minúcias como o formato de bancos.

3. O partido adotado pela proposta, por outro lado, exacerba um dos maiores problemas do Vale hoje, que é o excesso de eventos com utilização de som amplificado que ali tem lugar, principalmente shows, que degradam o ambiente e prejudicam as atividades cotidianas nos grandes edifícios e equipamentos culturais que margeiam o Vale. Quanto a este aspecto, os esboços apresentados mostram, e o texto defende, a retirada da vegetação, inclusive árvores de grande porte, das áreas mais centrais do Vale, deslocando-as para o seu perímetro, liberando todo o eixo central do Vale para um grande piso frio (“seco”/ “molhado”), para viabilizar a realização de eventos de grande porte, que certamente se tornarão rotineiros.
4. A proposta não coloca nenhuma orientação ou diretriz com relação à questão da gestão do Vale, um dos maiores desafios a serem enfrentados e que faz parte do escopo do projeto a ser contratado.

No nosso entender, as diretrizes e orientações dos consultores da Gehl Architects são válidas e pertinentes e poderiam ser utilizadas desde já no atual projeto, por meio de estímulos aos proprietários, comerciantes, administradores, pequenas intervenções, melhoria da manutenção do Vale e de um novo sistema de gestão que poderia ser implantado, independentemente da realização de grandes e custosas obras.”